



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

DAYANE FRANÇA DA SILVA

**OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA**

GUARABIRA – PB
2018

DAYANE FRANÇA DA SILVA

**OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof.º Dr. João Batista Gonçalves Bueno

**GUARABIRA – PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Dayane Franca da.
Os desafios da prática docente para o ensino de História
[manuscrito] : / Dayane Franca da Silva. - 2018.
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. João Batista Gosçalves Bueno, Departamento de História - CH."

1. História. 2. Cidadãos. 3. Interação. 4. Autônomo. 5. Humanizado.

21. ed. CDD 371.12

Dayane França da Silva

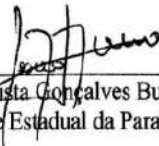
OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

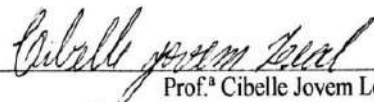
Área de concentração: Ensino de História.

Aprovada em: 05/06/2018

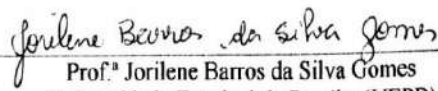
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Cibelle Jovem Leal
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Jorilene Barros da Silva Gomes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus professores orientadores que, com amor e respeito me ajudaram a trilhar o caminho do conhecimento. Aos meus amigos e familiares que me ajudaram durante todo o tempo de estudos. A eles, minha dedicatória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço pela ajuda neste trabalho, primeiramente, aos meus familiares e amigos que me apoiaram nesses tempos de estudos. A eles, meus agradecimentos pelo apoio e carinho. Também, aos meus professores que sempre me incentivaram a pesquisar e aprender com maestria. Toda dedicação e apoio ofertados a mim pela equipe escolar do estágio e de meus ilustres colegas de sala.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós
ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos
sempre.

Paulo Freire

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O CURRÍCULO DE HISTORIA E OS DESAFIOS DA METODOLOGIA DE ENSINO	12
2. PLANO DE ENSINO PARA A AULA DE HISTÓRIA	15
3. O ENSINO DA CIDADANIA ATRAVÉS DO CURRÍCULO DE HISTORIA	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS.....	21

OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

SILVA, Dayane França da

RESUMO

O ensino das ciências humanas observadas na história deve ser considerado com seriedade na fase da educação escolar devido a sua força em educar cidadãos cômnicos de seu papel social no lugar a qual vive e estabelece ligações. Cabe ao professor articular a metodologia correta para conseguir fazer o aluno interagir de modo correto com o meio a sua volta e saber interpretá-lo. De fato, a escola precisa preparar os alunos para a vida em sociedade, e, o que se ensina através das disciplinas de história pode ajudá-los a ver o mundo em suas diversas facetas de modo que os entenda sob um olhar autônomo e crítico. Para isso, faz-se útil a construção de um ambiente mais humanizado a fim de fixarmos as devidas associações ao desenvolvimento da criança. O presente trabalho utilizou da metodologia de pesquisa bibliográfica para entender como se consolida a prática docente no ensino de história nas escolas públicas. Os objetivos foram concentrados na busca teórica de orientações que possam nortear o trabalho do professor em relação aos métodos utilizados em sala de aula para tornar o ensino mais atrativo. Para tanto, recorremos a artigos, livros e periódicos sobre a temática analisando as propostas e expressos de autores como Arroyo (2000), Bourdé (1990), Brasil. Secretaria de Educação fundamental (1997), Cabrini (2005), Freire (2001), Gama (2012), Karnal (2004), Maíel (2012), Moreira (2007), Pimenta (2002), Vasconcellos (1995) e Vieira (2007).

Palavras-Chave: História; Cidadãos; Interagir; Autônomo; Humanizado.

ABSTRACT

The teaching of the human sciences observed in history must be considered seriously in the school education phase because of its strength in educating citizens aware of their social role in the place where they live and establish links. It is up to the teacher to articulate the correct methodology to be able to make the student interact in a correct way with the environment around him and to know how to interpret it. In fact, the school needs to prepare students for life in society, and what is taught through the history disciplines can help them see the world in its many facets so that it understands them under an autonomous and critical eye. For this, it is useful to build a more humanized environment in order to establish the proper associations for the child's development. The present work used the methodology of bibliographical research to understand how the teaching practice is consolidated in the teaching of history in public schools. The objectives were focused on the theoretical search for guidelines that could guide the work of the teacher in relation to the methods used in the classroom to make teaching more attractive. To do so, we have used articles, books and periodicals on the subject analyzing the proposals and expressions of authors as Arroyo (2000), Bourdé (1990), Brasil. Secretaria de Educação fundamental (1997), Cabrini (2005), Freire (2001), Gama (2012), Karnal (2004), Maíel (2012), Moreira (2007), Pimenta (2002), Vasconcellos (1995) e Vieira (2007).

Keywords: History; Citizens; Interact; Self-employed; Humanized.

INTRODUÇÃO

A educação e sua metodologia sempre foram analisadas por fundamentadores teóricos como: Arroyo, Bourdê, Freire, Karnal, Pimenta, Vasconcellos, entre outros, que sintetizaram as aplicabilidades e possibilidades relacionadas ao um conjunto empírico de formações que contribuem ao desenvolvimento do educando a fim de adá-lo. Por exemplo, Henri Wallon, que se destaca como um desses teóricos sintetizou através de suas observações o tipo de desenvolvimento que ocorre em um indivíduo em formação. Ele desejava entender como o mundo externo influi na maneira com que a criança progride em sua compreensão e interação com este. Para tanto, Wallon dedicou sua vida a fim de atingir o objetivo de desconstruir através da reflexão os paradigmas que nos orientam até os dias atuais impulsionando a problematização dos mesmos.

Dentro da sala de aula, o professor como principal mediador do desenvolvimento social na criança, pode se utilizar desses conhecimentos para auxiliar o indivíduo em desenvolvimento ao passo que este demonstra o tipo de relação que estabelece com o meio e sua volta. Wallon nos explica que a principal maneira de aprender de uma criança é por meio de observações, e a ferramenta que a ajudara a aprender melhor é a afetividade, pois, há de se estabelecer um compromisso entre ambos (professor e aluno) para tornar real o objetivo principal da educação: educar.

Em relação à disciplina de História ensinada nas escolas frente à nova reforma da educação (*A reforma na educação implantada em 22 de setembro de 2016, tem por objetivo a flexibilização do conteúdo ensinado em sala de aula, mudando a distribuição dos conteúdos tradicionais e ampliando o ensino integral.*) que foi pauta de vários discursos revolucionários como, por exemplo, o da experimentação além da sala de aula dos fatos que cercam o cotidiano dos alunos e relacioná-los a teoria analisada (relação da teoria x prática). Outra proposta sugerida e muito discutida ao longo dos últimos tempos é a possibilidade do aluno escolher o “caminho” que deseja ao longo de seu ensino forma. Assim, essa escolha servirá como base para as próximas etapas da sua educação focada na tecnicidade do conteúdo e a aplicabilidade deste nas áreas que o aluno irá se dedicar posteriormente. De fato, cabe ao “papel do professor, portanto é o de planejar,

selecionar e organizar os conteúdos, programar tarefas, criar condições de estudo dentro da classe, incentivar os alunos”. (LIBÂNEO, 1990, p.6)

A administração escolar é fundamental para se construir os parâmetros necessários para manter o componente curricular nas escolas públicas municipais, estaduais e da autarquia federal funcionando de modo didático, porém, através de uma carga horária reduzida, optativa quanto ao foco de sua escolha como disciplina na grade do aluno. Conforme observa Maiel (2012, p. 01):

A Educação pode significar instrução isto é o resultado de um processo de atividades dirigidas através de interações que é o ensino, e é caracterizado pelo nível de desenvolvimento intelectual e das capacidades criadoras que leva a aquisição de um conjunto de conhecimento científico, culturais e sociais para a formação harmoniosa das diferentes esferas que comportam a personalidade.

Assim sendo, faz-se necessário a construção de uma nova face no ensino da história em sala de aula, que deve se pautar na objetividade do indivíduo que se insere na sociedade e no espaço e adapta-se a este como forma de vida compreendida e sólida. Nesse ponto de vista, podemos concordar com o professor e autor Karnal quando diz que:

A representação do passado e do que consideramos importante representar é um processo constante de mudança. Se a memória muda sobre fatos concretos e protagonizados por nós, também muda para fatos mais amplos. A História está envolvida em um fazer orgânico: é viva e mutável. Um livro sobre uma guerra escrito há cem anos continua válido como documento, mas é muito provável que a visão de quem o escreveu esteja superada. Por superação entendemos o que não é mais compartilhado pela maioria (KARNAL, 2004, p. 8).

Neste sentido, o currículo de história no ensino público tem que ser amplo e com sentido único de dar significado ao olhar da realidade real (senso comum) e a transportar para o campo da teoria em que o aluno aprenderá com o espectro aprofundado, os aspectos geográficos e históricos a sua volta dando significado a tudo que absorveu. Quando o professor alcança isso, a educação ganha sentido e é capaz de transformar o indivíduo em cidadão compreendido de seu papel na sociedade de forma ativa e reacionária, pois, “a história continua a ser capaz de elaborar um conhecimento autêntico” do mundo. (BOURDÉ e MARTIN, 1990, p.201).

1. O CURRÍCULO DE HISTORIA E OS DESAFIOS DA METODOLOGIA DE ENSINO

Wallon (1978) destaca a função social da educação escolar: direcionar as novas descobertas que o aluno está desenvolvendo com o meio oferecendo aporte necessário para sua compreensão. Como símbolo dessas descobertas, a criança se deixa partir do ponto de “animação” dos objetos e os classifica como seres vivos, mesmos suas intenções sócias de comunicação, sendo estas de forma simplória. Suas funções psíquicas a cerca do mundo ao seu redor lhe atribui um caráter não orgânico, mas social. Suas manifestações envolvem fatores mais amplos que o professor precisa abstrair e mediar. Por isso faz-se útil mais humanidade ao processo de educar que, diferente de “programar”, estabelece a liberdade de raciocínio e ação que se urdirá.

Na corrente supracitada sobre o ensino da história, podemos observar que, apesar dos investimentos estatais para a melhoria da educação, ainda temos a problemática da carência metodológica que atinja os alunos de forma angular com o enfoque na pluralidade do ensino que é garantido na Constituição Federal e na LDB 9394/96.

A docência envolve uma proposta pedagógica e um modo de conceber a produção do conhecimento histórico que estão intimamente ligados. A relação professor-aluno expressa sempre uma concepção de história mesmo quando professores e alunos não se dão conta disso (...). Embora o passado enquanto tal não se modifique, a construção do conhecimento se modifica de acordo com o modo pelo qual o historiador se vê no presente, pensa o social e se insere nele, enquanto sujeito social e enquanto pesquisador (Vieira, et al. 2007, p. 65).

A criança é “palco” das alterações dadas por meio de suas relações aos objetos e personagens que o cercam. Quando o professor propõem novas metodologias para o ensino da história, este necessita se equipar de ferramentas que seja capaz de induzir o aluno a compreensão do processo como um todo. Sendo assim, Cabrini (2005, p.41-42), quando aludi às possibilidades que o currículo de história proporciona, diz:

Queremos ressaltar que a questão não é tão-somente qual conteúdo de história tratar, mas, sobretudo, como trabalhar esse conteúdo. É preciso que fique claro que, quando dizemos que se deve abandonar as divisões tradicionais da dita história geral (antiga, medieval,

moderna e contemporânea), não queremos dizer que não se deva tratar como objeto de estudo nada do que elas abordam. Obviamente, não é questão de se repudiar in totum, e assim tão tranquilamente, todo esse respeitável cabedal de conhecimento produzido em todos esses séculos – o qual é muito importante para todos nós. O que estamos propondo é que você, professor, de uma volta definitiva de 180° em relação a essa visão de processo histórico, que constitui o chamado “conteúdo tradicional”, que essa visão seqüencial, que não se preocupe em como esgotá-la, pois ela implica uma concepção de história que é preciso ultrapassar. Não queremos dizer que, respeitamos os princípios de trabalho que estamos discutindo, você não possa fazer, por exemplo, um produtivo exercício de reflexão histórica com seus alunos, em cima de temas como a educação em Esparta e Atenas, o chamado descobrimento do Brasil, etc, um deles aparentemente bem distante no tempo de seus alunos, e outro, considerado mesmo dos mais tradicionais. (CABRINI *et al.*, 2005, p.41- 42)

Por fim, podemos entender o fortíssimo papel que a afetividade tem na educação do indivíduo em desenvolvimento. O professor não precisa abraçar e beijar seu aluno para demonstrar essa afetividade, mas sim, criar condições humanizadas de apropriação ao processo de adquirir conhecimento. O professor que compreende as diversificações existentes na sala de aula é capaz de auxiliar os alunos no desenvolvimento e capacitação para um amplo e delicado relacionamento com o meio externo ao seu redor de modo progressivo e real interpretando-os de forma autônoma a fim de entender os acontecimentos. Desta forma, o modo como este aprende a desenvolver uma didática planejada e voltada para a necessidade dos alunos é fundamental, pois, concordando com Bueno (2015, p. 97):

As relações que envolvem a formação do professor devem ser consideradas dos pontos de vista subjetivo e objetivo, pois em sala de aula se estabelecem relações interpessoais que alteram as visões de si e do outro, ou seja, dos professores e estudantes que estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. As visões que são construídas relativas ao outro (do professor para o estudante, do estudante para o professor e do estudante para o outro estudante) têm força para alterar a psique dos indivíduos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Devemos ir além do ensino tradicional e superar as problemáticas associadas com o meio em que vivemos.

Na pedagogia tradicional, o professor assume uma postura autoritária. O saber escolar é algo que se possui. Os alunos, que não possuem esse saber, vão recebê-lo, numa atitude passiva de assimilação de tudo que o professor ensina em sala de aula. Nesse sentido, os alunos aprendem na medida em que são capazes de reproduzir o saber transmitido pelo professor. Os conteúdos que o

professor não trabalha em sala de aula estão além das possibilidades dos alunos, e aquilo que o professor ensina deve ser tomado como verdade absoluta e inquestionável. (MOREIRA; VASCONCELOS, P.38)

Também, sob os olhares do PCN (Parâmetro Curricular Nacional) de história que tange a diversificação das matrizes culturais construída pelo homem e que fazem parte de todo o seu ser, cujo objetivo é identificar tal como culturalmente responsável pela formação do homem em seus papéis na sociedade. Neste extraímos o seguinte sobre a história e seu papel na escola:

A proposta de História, para o ensino fundamental, foi concebida para proporcionar reflexões e debates sobre a importância dessa área curricular na formação dos estudantes, como referências aos educadores, na busca de práticas que estimulem e incentivem o desejo pelo conhecimento. O texto apresenta princípios, conceitos e orientações para atividades que possibilitem aos alunos a realização de leituras críticas dos espaços, das culturas e das histórias do seu cotidiano. (BRASIL 1997, p. 15)

Foi a partir de muitas lutas para tornar o conteúdo de história mais real e próximo ao aluno que chegamos a este patamar que observamos nas escolas. Ainda segundo o documento PCN:

Os métodos de ensino então aplicados nas aulas de História eram baseados na memorização e na repetição oral dos textos escritos. Os materiais didáticos eram escassos, restringindo-se à fala do professor e aos poucos livros didáticos compostos segundo o modelo dos catecismos com perguntas e respostas, facilitando as arguições. Desse modo, ensinar História era transmitir os pontos estabelecidos nos livros, dentro do programa oficial, e considerava-se que aprender História reduz, a saber, repetir as lições recebidas. (BRASIL 1997, p. 20)

A intensão associada ao currículo de História é apresentar ao educando os cuidados tidos para a progressão econômica que atrela o Brasil ao desenvolvimento social. Por este fator, a luta para incluir na proposta curricular do ensino de História a identidade nacional aos alunos das escolas públicas em suas autarquias administrativas é vista como indispensável para o desenvolvimento social na perspectiva do povo brasileiro. Novamente citando o PCN, lemos:

Com o processo de industrialização e urbanização, se repensou sobre a inclusão do povo brasileiro na História. Enquanto alguns identificavam as razões do atraso econômico do País no predomínio de uma população mestiça, outros apontavam a necessidade de se buscar conhecer a identidade nacional, suas especificidades culturais em relação aos outros países, como meio de assegurar condições de igualdade na integração da sociedade brasileira à civilização

ocidental. Nos programas e livros didáticos, a História ensinada incorporou a tese da democracia racial, da ausência de preconceitos raciais e étnicos. Nessa perspectiva, o povo brasileiro era formado por brancos descendentes de portugueses, índios e negros, e, a partir dessa tríade, por mestiços, compondo conjuntos harmônicos de convivência dentro de uma sociedade multirracial e sem conflitos, cada qual colaborando com seu trabalho para a grandeza e riqueza do País. . (BRASIL 1997, p. 21)

2. PLANO DE ENSINO PARA A AULA DE HISTÓRIA

Ter um plano de aula antes de iniciar as atividades na sala de aula pode evitar muitos problemas advindos do processo educacional. Sendo assim, o professor de História precisa se precaver das situações que comprometam o aprendizado da turma a qual irá lecionar, prevendo situações que possam comprometer a aula e as intervenções apropriadas de acordo com o cognitivo dos alunos. De acordo com o citado, podemos entender a importância do planejamento:

O planejamento está presente em nosso dia-a-dia, mesmo que implícito, como o caso da pessoa que, ao levantar-se pela manhã, pensa no seu dia, no que vai acontecer ao longo dele. Como não se tem certeza do que realmente irá acontecer no passar dessas vinte e quatro horas, a pessoa obriga-se a pensar, prever, imaginar e tomar decisões, contudo, ela sempre espera tomar as decisões mais acertadas, para que sua ação alcance os objetivos esperados; mesmo não tendo consciência de que está realizando um planejamento, esta pessoa está fazendo o uso do ato de planejar (GAMA; FIGUEIREDO, p. 1).

Ainda nesse quesito, podemos citar o planejamento como:

[...] uma mediação teórico-metodológica para a ação consciente e intencional. Tem por finalidade procurar fazer algo vir à tona, fazer acontecer, concretizar, e para isto é necessário amarrar, condicionar, estabelecer as condições prevendo o desenvolvimento da ação no tempo, no espaço, as condições materiais, bem como a disposição interior, para que aconteça, caso contrário, vai se improvisando, agindo sob pressão, administrando por crise. É fazer história: uma tentativa de fazer elo consciente entre passado, presente e futuro. Independente do sujeito planejar ou não, há um fluxo do tempo. Planejar é tentar intervir neste fluxo, no devir (VASCONCELLOS, 1995, p. 42).

Para este artigo, como metodologia prática das ações elaboradas, foi desenvolvido um plano de ensino do componente de História e aplicado aos alunos do ensino médio como tentativa de entender como as ações projetadas previamente

junto ao controle do tempo, ações de avaliação de forma contínua e envolvimento dos alunos com o professor e o conteúdo contribuem para uma aula com êxito. Foram notados os seguintes pontos sobre a aula.

Tabela 1. Observação das Ações em Sala de Aula

TURMA: 3º ANO DO ENSINO MÉDIO	TEMPO DE AULA: 90 minutos
<p>Contribuição dos alunos com o conhecimento prévio: o que eles sabem sobre o processo de Redemocratização ocorrido no Brasil.</p>	<p>Os alunos, ao serem indagados sobre o que sabem sobre o processo de redemocratização, contribuíram com seus comentários que, na maioria das vezes, são pautadas na objetividade do conteúdo de forma clara e com coesão. Apesar de alguns alunos não projetarem o que pensam sobre alguns assuntos da aula, quando incentivados, expuseram seus conceitos de forma simples e, com a mediação do professor, foi usada para contribuição da aula. Esse assunto foi escolhido por se tratar de uma Situação de Aprendizagem que a professora estava trabalhando com os alunos ao longo do bimestre. Ao planejarmos este tema, solicitamos a sugestão da professora que expressou a satisfação de reforçar os pontos elencados no Plano de Aula deste trabalho.</p>
<p>Participação dos alunos durante a aula – notamos como os alunos reagiram à medida que o tema foi sendo desenvolvido</p>	<p>Houve uma interação progressiva dos alunos com o conteúdo à medida que eles começaram a entender os objetivos da atividade. Antes do início da aula, colocamos o que iríamos desenvolver no período na lousa. Isso ajuda os alunos a verem o segmento da aula de forma a contribuir para seu andamento. Percebemos com isso que, quando os alunos entendem o que esta sendo proposto a eles realizarem, o envolvimento deles na aula se</p>

	torna mais prazeroso e voluntário. Isso favorece o aprendizado.
--	---

Com isso, podemos concluir que, se o professor de História adotar medidas que transpõem a temática da aula junto às dinâmicas, expor os objetivos do conteúdo que envolverá o tempo da aula e estimular a participação dos alunos durante as ações em sala de aula, criará um ambiente propício ao aprendizado e alunos mais motivados.

3. O ENSINO DA CIDADANIA ATRAVÉS DO CURRÍCULO DE HISTÓRIA

A cidadania constitui como fundamento básico da sociedade visto que esta se baseia na constituição moral e social do bem-estar conjunto. Haja vista esta necessidade promulga necessário nas escolas um programa de condensação dos saberes necessários para apegar as normas de ética e conduta necessários para a vida em sociedade de modo a preservar os saberes e direitos que cabe a cada cidadão cômicos de seu papel. Neste sentido, C afirmam que:

Não podemos esquecer que o saber escolar não é passado como um objeto puramente cognitivo, mas também se constrói, sempre, como um projeto para impor uma cultura a outras pessoas. A tarefa docente consiste, assim, em tornar natural essa imposição arbitrária da cultura, fazendo com que ela atinja o interesse ou as necessidades dos alunos. [...] Enfim, o discurso do professorado [...] impõe também sistematicamente normas e avaliações: “está certo, está legal, está ok., está ruim, não falemos disso, não, está correto” etc. Não se trata, portanto de um discurso objetivo, seguro, mas “de ontológico”, ou seja, um discurso que divide o mundo, as coisas, as pessoas, os atos, as palavras, em regiões qualitativamente diferentes, baseando-se em preferências e escolhas. (TARDIF; LESSARD, 2013, p.252)

Sob o olhar do “ser cidadão”, considera-se o fato de que, segundo Barbalet 1989, p.13 , “a concessão de cidadania para além das linhas divisórias das classes desiguais parece significar que a possibilidade prática de **exercer os direitos ou as capacidades legais que constituem o status do cidadão** não está ao alcance de todos que os possuem.” (o grifo é nosso). Também, podem refletir sobre o olhar de Carvalho

O elenco de temas relevantes para a formação da cidadania política pode ser expandido para além do exercício de direitos. Se a cidadania é concebida como a maneira pela qual as pessoas se relacionam com o Estado, não há de excluir de seu estudo o cumprimento de deveres cívicos como o serviço militar no Exército, na Armada e na Guarda Nacional (CARVALHO, 1996, p.341).

Ainda nesta linha de pensamento, conforme relata Gorczevski:

Todo Homem deve educar-se: a educação dignifica o próprio homem, proporciona uma melhor qualidade de vida, dá -lhe o senso do dever e participação. Somente com educação o homem poderá contribuir com o desenvolvimento do país; portanto da sua sociedade (2009, p. 219).

Todo professor precisa ter em mente seu papel como educador e a importância da metodologia para um ensino que seja capaz de auxiliar o aluno na concepção dos objetos e a relação entre si. Para isso, há ferramentas que podem ser usados para construir uma educação eficaz e reacionária como o livro didático, projetos de consultas à proposta sociais e governamentais em benefícios da população, artigos e resenhas temáticas, gráficos para análise da disparidade social, entre outros. Cada didática é trabalhada em função do desenvolvimento cognitivo do aluno objetivando a evolução das aceções e crie sua própria releitura. Assim, Fonseca (1993, p. 18) lembra que:

A proposta de metodologia de Ensino de História que valoriza a problematização, a análise crítica da realidade, concebe alunos e professores como sujeitos que produzem história e conhecimento em sala de aula. Logo, são pessoas, sujeitos históricos, que cotidianamente atuam, transformam, lutam e resistem nos diversos espaços de vivências: em casa, no trabalho, na escola, ... Essa concepção de ensino e aprendizagem facilita a revisão do conceito de cidadania abstrata, pois ela nem é apenas herdada via nacionalidade, nem liga-se a um único caminho de transformação política. Ao contrário de restringir a condição de cidadão a de mero trabalhador e consumidor, a cidadania possui um caráter humano e construtivo, em condições concretas de existência.

A cidadania é estimulada pela modelação de hábitos que servem como **referência** aos alunos para os hábitos do cotidiano. Defendendo esta forma de pensar, Fonseca (2003) nos auxilia em um ponto importante dizendo que:

[...] o professor de história, com sua maneira própria de ser, pensar, agir e ensinar, transforma seu conjunto de complexos saberes em conhecimentos efetivamente ensináveis, faz com que o aluno não apenas compreenda, mas assimile, incorpore e reflita sobre esses ensinamentos de variadas formas. É uma reinvenção permanente (FONSECA, 2003, p. 71).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante refletir no papel do professor no ensino da matriz curricular de história nas escolas das diferentes autarquias administrativas de modo a desenvolver as suas habilidades de análise e compreensão do espaço e sua historicidade. Com isso, refletimos sobre a importância da inserção do ensino da História no currículo desenvolvido no Brasil com base nas aplicações dos conceitos de Wallon sobre o desenvolvimento cognitivo do aluno frente à prática e vivência. Os eventos observados no Brasil causaram mudanças no ensino praticado nas escolas, hora para bem e hora para mal. Alguns pontos nos encaminham para a melhor compreensão da questão colocada sendo possível compreender que o conteúdo de História que os professores ensinam foi implantado oficialmente nas primeiras séries do ensino fundamental muito recentemente e depois substituído pelos Estudos Sociais.

[...] isto é, fazer dos seres humanos participantes dos frutos e da construção da civilização, dos progressos da civilização, resultado do trabalho dos homens. Não há educação a não ser na sociedade humana, nas relações sociais que os homens estabelecem entre si para assegurar a sua existência. (PIMENTA, 2002, p. 84).

As práticas e as formas de pensar a respeito do ensino da História, principalmente quando nos referimos aos desafios enfrentados pelo professor ao adotar uma metodologia eficaz e coerente com o desenvolvimento esperado nos alunos, deve ser melhorados e adaptados para a necessidade do aluno e construído a partir de suas carências. Sendo assim, um planejamento adequado deve ser praticado, pois,

O professor necessita, cada vez mais, compreender que o planejamento é uma prática que procura ajudar a sanar problemas de organização de conteúdos e que ele, por si próprio, não é a solução absoluta de todos os problemas que surgirão quanto a organização metodológica, tendo em vista que o planejamento é somente um passo de uma caminhada longa (GAMA; FIGUEIREDO, p. 10).

Deste sentido, partem o ato de ensinar para despertar. E do ponto de vista ideológico é necessário restaurar o papel do professor haja vista sua função de extrema necessidade no processo do ensino como mediador. De acordo com Arroyo é mais que vital que isto aconteça para ajudar o aluno a criar condições de se contrapõem ao ensino tecnicista.

A categoria tem colocado todos os seus esforços em melhorar as condições materiais e de trabalho nas escolas (...) para que cheguem a ser espaços mais humanos. O grave das condições materiais e de trabalho das escolas não é apenas que é difícil ensinar sem condições, sem materiais, sem salários, o grave é que nessas condições nos desumanizamos todos. Não apenas torna-se difícil ensinar e aprender os conteúdos, torna-se impossível ensinar-aprender a ser gente. (ARROYO, 2000, p.64)

A escola não deve ser mais um espaço de exclusão, mas deve incluir literalmente no ensino e administrar ao aluno doses de conhecimento para uma visão curada e crítica neste mundo doentio e despercebido. Assim como observa Freire quando diz:

Porque não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes (FREIRE, 2001, p. 33).

Além disso, a formação dos professores tem de ser voltada a esta particularidade do ensino, preparatório para a vida. Ao ensinar, devemos fazê-lo com dedicação e focando na construção de um futuro sério e amplamente entendido cujo cunho deve ser o de libertador social.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BARBALET, J. M. **A cidadania**. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.
- BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. São Paulo: Publicações Europa América, 1990.
- BUENO, J. B.; JUNIOR, A.; GUIMARÃES, M. **Formação de professores de história: o desenvolver das noções de interação, de significação e de identidade**. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 8, n. 1, jan.-jun., 2015. Disponível em [file:///C:/Users/Notebook/Downloads/Dialnet-FormacaoDeProfessoresDeHistoria-5161835%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Notebook/Downloads/Dialnet-FormacaoDeProfessoresDeHistoria-5161835%20(1).pdf). Acesso em 14/03/18
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : história, geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.
- CABRINI, C. ET AL. **O ensino de historia: revisão urgente**, 4. Ed.São Paulo: Brasiliense, 2005.
- CARVALHO, Jose M. **Cidadania: tipos e percursos**. Pesquisa realizada no CPDOC com financiamento da FINEP, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2001.
- FONSECA, Selva G. **Caminhos da história ensinada**. Campinas: Papirus, 1993.
- GAMA, Anailton de S.; FIGUEIREDO, Sonner A. de. **O Planejamento no Contexto Escolar**. Disponível em <http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/04/Arquivos04/05.pdf> . Acesso em: 08/02/2018.
- GORCZEWSKI, Clovis. **Direitos Humanos, Educação e Cidadania: conhecer, educar, praticar**. 1. Ed.. –Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.
- KARNAL, Leandro (org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Campinas; SP.Ed. Papirus, 1990.
- MAÍEL, M. G. **Importância da Educação Infantil**. 2012. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos3/importancia-educacao-infantil/importancia-educacao-infantil2.shtml>>. Acesso em: 08/02/2018.
- MOREIRA, Claudia R.B.S.; VASCONCELOS, Jose Antonio. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de historia**. Curitiba: Ibpex, 2007
- PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2013.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Plano de Ensino Aprendizagem e Projeto Educativo**. 3. ed. São Paulo: Liberdade, 1995.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et al. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 2007.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 3ª. Ed. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

WALLON, H. (1971). **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

_____. (1989). **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole *apud in* Pereira, *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17, n. 2, p. 277-286, abr./jun. 2012 disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n2/v17n2a10.pdf>. Acesso em: 08/02/2018.

_____. **A evolução psicológica da criança**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1995.

_____. **Atividade propioplástica**. IN: Wallon. São Paulo : Ed. Ática, 1986.

ZAZZO, R. **Henri Wallon – psicologia e marxismo**. Lisboa: Vega, 1978.